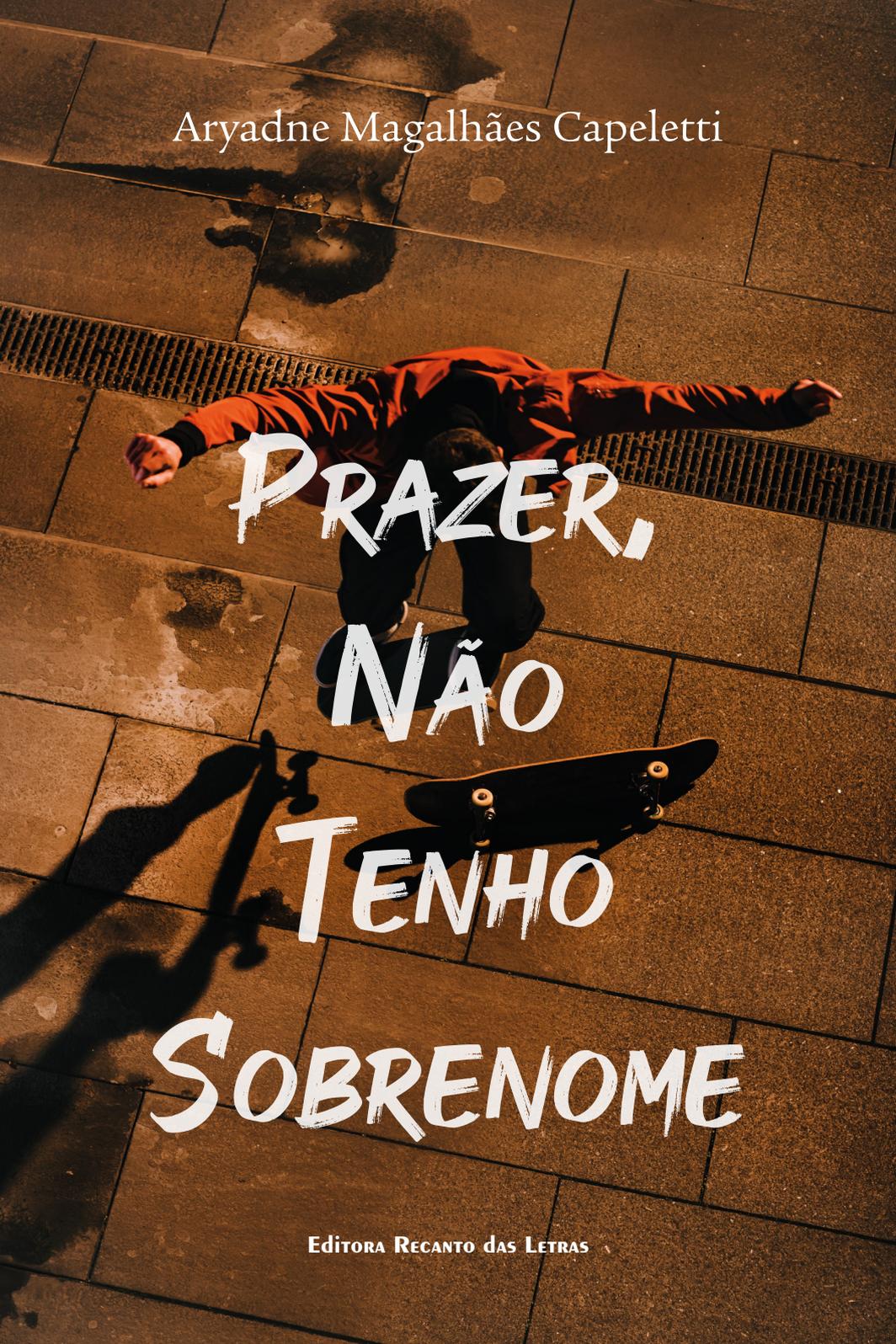


Aryadne Magalhães Capeletti



PRAZER,
NÃO
TENHO
SOBRENOME

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

**PRAZER,
NÃO
TENHO
SOBRENOME**

Aryadne Magalhães Capeletti

**PRAZER,
NÃO
TENHO
SOBRENOME**

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Aryadne Magalhães

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Silvia Aparecida Pereira
Diagramação: Michael Vasconcelos
Imagens: Depositphotos
1ª edição – fevereiro de 2020

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Capeletti, Aryadne Magalhães
Prazer, Não Tenho Sobrenome / Aryadne Magalhães Capeletti. --
São Paulo : Recanto das Letras, 2020.
196 p.

ISBN: 978-85-7142-067-0

1. Ficção brasileira I. Título

19-2582

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

Para minha família, que me ensinou a mirar as estrelas.

*A Nice, minha mãe,
Jefferson, meu pai,
e Pedro, meu irmão.*

Amo vocês.

SUMÁRIO



Prefácio	11
Prólogo	13
Primeira história	17
Segunda história – parte 1	21
Segunda história – parte 2	24
Terceira história	28
Quarta história – parte 1	34
Quarta história – parte 2	39
Quinta história	43
Sexta história	46
Sétima história	49
Oitava história	55
Nona história	61
Décima história	64
Décima primeira história	68
Décima segunda história	77
Décima terceira história	84
Décima quarta história	87
Décima quinta história	93

Décima sexta história	96
Décima sétima história	99
Décima oitava história	103
Décima nona história	110
Vigésima história	119
Vigésima primeira história – parte 1	125
Vigésima primeira história – parte 2	130
Vigésima segunda história	136
Vigésima terceira história	143
Vigésima quarta história	153
Vigésima quinta história	161
Vigésima sexta história	166
Vigésima sétima história	173
Vigésima oitava história	179
Vigésima nona história	182
Última história – Epílogo	186
Agradecimentos	191

Caro ser humano que está lendo este livro,

Eu e você temos um *acordo não dito* entre autor e leitor. Devo lhe avisar com antecedência sobre qualquer uso “anormal” deste livro. Você está livre para decidir o que fazer com estas informações.

Pois bem, este livro é um conjunto de histórias ou contos organizados fora da ordem cronológica.

Vale lembrar que isso não significa que não exista linearidade. Os capítulos foram organizados da forma que eu acredito ser a melhor para que você possa desfrutar e mergulhar de cabeça nessa história.

Espero, de todo o coração, que você goste do livro. Eu, particularmente, já o indiquei para todos os meus amigos.

Boa leitura!

PREFÁCIO



Menina de família, morou na cidade pequena de Botucatu, interior de São Paulo, dos 4 aos 18 anos, quando foi estudar na capital.

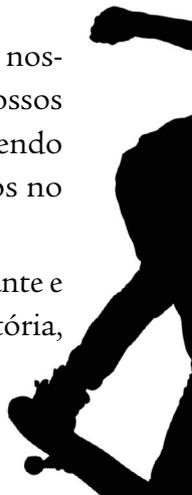
Sempre gostou das Letras, sempre. E quando podia escrevia.

Neste momento, nasce a oportunidade de publicar.

O livro **“Prazer, Não Tenho Sobrenome”** vem mostrar com sutileza seu dom literário, sua veia artística para a narrativa. É dividido em contos-capítulos que se sobrepõem, sem ordem cronológica, mas de forma linear de acontecimentos, o que facilita o entendimento do enredo.

De temática atual e humanística, nos faz repensar nossos valores, nossas vidas, e o que fazemos hoje pelos nossos semelhantes, a importância da família e a “empatia” sendo praticada em nossas ações. É possível nos colocarmos no lugar do outro. Sim, é possível.

Da linguagem acessível – sem deixar de ser instigante e bem elaborado – ao título, criativo e ao encontro à história,



um livro para ser lido por diferentes gerações. E degustar desta viagem que é ler e sonhar.

É com muito prazer, que agora apresento-lhes Aryadne, e seu “**Prazer, Não Tenho Sobrenome**”.

Boa sorte, menina-moça!

Boa leitura!

Sílvia Aparecida Pereira é Escritora, Palestrante, Revisora, Professora de Língua Portuguesa, Pedagoga e Membro da A.B.L. (Academia Botucatuense de Letras). É colaboradora no site Recanto das Letras desde 2017.

PRÓLOGO



Antes da história começar

Farwalk

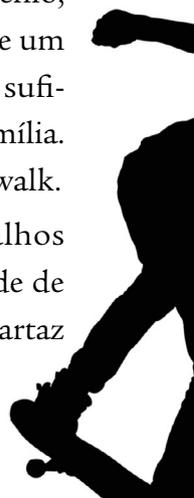
(há muito tempo)

Você já deve ter ouvido falar de orfanatos ou abrigos. São lugares que acolhem crianças e adolescentes que, por algum motivo, não tem condições de morar com a família biológica e, em alguns casos, são acolhidas por outras famílias, as quais chamamos de famílias adotivas.

Bom, existe a história de um orfanato diferente chamado Orfanato Farwalk. Este orfanato encontra-se em uma cidade qualquer no estado de São Paulo e foi fundado por Eugênio Farwalk.

Diferente da maioria dos orfanatos ou abrigos, Farwalk não foi um prédio construído desde o princípio com o objetivo de acolher crianças, além de não ser da posse do governo. A construção era a antiga mansão de Eugênio, um dos moradores mais ricos do local. Ele era dono de um dos melhores bancos da cidade e juntara dinheiro o suficiente para construir uma grande casa para ele e sua família. Todavia, a casa abrigaria outras pessoas além dos Farwalk.

Eugênio participava de ações sociais e trabalhos voluntários desde os seus dezoito anos. A necessidade de ajudar os outros fazia parte dele. Certa vez, ele viu um cartaz



que pedia doações para um abrigo na parte periférica da cidade. Sem pensar duas vezes, Eugênio ligou para o lugar e recebeu autorização para levar suas doações na mesma semana. Assim que viu o lugar, porém, ficou abismado.

Uma casa com as paredes descascando, portões enferrujados e grama alta o recebiam quando desceu do carro. As pessoas responsáveis pelo lugar o receberam felizes e permitiram que ele entrasse. Por dentro, era pior: quartos pequenos com quase nada além das camas onde as crianças dormiam, corredores apertados, cozinha sem louças o suficiente e a ausência de um quintal fez seu estômago revirar. Como as crianças viviam naquelas condições? Depois daquilo, Eugênio passou a se dedicar em um único objetivo: fundar um orfanato que desse mais do que um teto para os órfãos, mas que pudesse proporcionar paz, segurança, lazer, educação e até mesmo uma família.

Ele passou alguns anos desenvolvendo este projeto, fazendo acordos e parcerias com a prefeitura e o governo estadual para conseguir manter a posse do seu futuro orfanato, escolher sua própria equipe, incluindo cozinheiros, psicólogos, assistentes sociais, faxineiros e monitores. Além disso, Eugênio foi submetido aos mesmos exames médicos e psicológicos aplicados aos pretendentes a pais adotivos, além de participar de inúmeras entrevistas e cursos preparatórios com assistentes sociais para provar que tinha boa índole em seu projeto.

Quando, por fim, conseguiu abrir as portas do orfanato, o local recebeu visitas de funcionários públicos por

um ano, com o intuito de acompanhar de perto o trabalho de Eugênio.

No fim das contas, o Orfanato Farwalk tornou-se o melhor abrigo para crianças e adolescentes na cidade e região, com a melhor infraestrutura, funcionários e maior taxa de adoção por ano.

Eugênio sentia que seu esforço dava frutos e oficializou a posse da mansão a cada novo primogênito da família Farwalk, sendo recompensado pela lealdade e dedicação de seu filho quando o mesmo assumiu as rédeas daquele trabalho.

Com o passar dos anos, Jane Farwalk, neta de Eugênio, assumiu aquele legado para si e sua dedicação era tamanha que quase todas as crianças que ali chegavam eram adotadas em menos de dois anos. *Quase.*

Quando Jane tinha trinta anos, um casal bateu à porta do orfanato, para entregar seu filho a adoção, por meio da Entrega Legal, um programa do Governo onde os pais podem registrar seu filho para a adoção, provando que não tem condições para cuidar do mesmo. Depois de acertados todos os acordos burocráticos, tudo o que foi deixado para trás era um cesto com um recém-nascido dentro. Junto a ele, havia um pedaço de papel com o seu nome. *Jack.*

Seis anos depois da aparição de Jack, surgiu Arthur, um menino apavorado que fora levado até o orfanato por uma desconhecida que relatara vê-lo vagar sozinho pelo centro da cidade. Depois de alguns meses de busca, Jane e sua equipe descobriram que a mãe de Arthur era viciada em

drogas e mandara o garoto fugir de casa em um momento misto de loucura e lucidez.

A mãe de Arthur aceitou ser internada em uma clínica de reabilitação para poder ter seu filho de volta. Todavia, nunca mais aparecera para buscá-lo. O coração de Jane apertava toda vez que ela se lembrava do porquê.

Jane e toda a sua equipe acolheram Jack e Arthur com a esperança de que o amor que eles tinham fosse o suficiente.

Muitos anos se passaram antes que eles soubessem a resposta.

PRIMEIRA HISTÓRIA



O caso do sorvete

(férias de Julho de um tempo atrás, em uma data irrelevante)

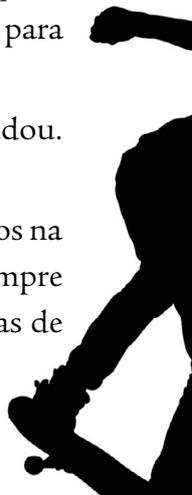
Ele se chamava Jack. Tinha olhos azuis, o cabelo loiro escuro e uma incrível paciência por sempre ouvir pessoas dizerem que dariam tudo para ter uma genética tão boa. Sempre que ouvia isso, Jack controlava-se para não dizer: “*se ao menos eu soubesse de onde ela vem*”.

Jack era órfão. Ele era uma das duas únicas crianças com dezesseis anos que ainda morava no Orfanato Farwalk, que tinha os maiores números de adoção por ano no estado de São Paulo.

“*Talvez eu seja a merda de uma exceção*” Jack pensava, mas logo jogava o pensamento para o fundo da mente. Ele sabia que até os dez anos havia feito de tudo para não ser adotado, tendo em vista que sua aparência o colocava como uma das primeiras crianças da lista de adoção. No entanto, até aquela idade, Jack inventava as mais mirabolantes travessuras para irritar os possíveis pais adotivos que iam visitá-lo.

Depois dos dez anos, no entanto uma coisa mudou. Uma coisa que Jack evitava lembrar.

Ele tentava ser um garoto comportado, pelo menos na escola. Tentava não arrumar confusão — o que nem sempre dava certo — e passar despercebido por alguns colegas de



O Orfanato Farwalk não é como os abrigos para crianças e adolescentes que estamos acostumados a ver. Localizado em uma cidade qualquer no interior de São Paulo, a mansão abriga jovens há três gerações e orgulha-se de apresentar a maior taxa de adoção da região. Todavia, sempre existem exceções....

Em ordem não cronológica, envolvente e divertida, Prazer, Não Tenho Sobrenome relata as peripécias de quatro adolescentes que passam a morar juntos no Orfanato e precisam descobrir como lidar com suas questões pessoais entre desavenças escolares, antigas amizades, paixões ocultas e um novo significado para a palavra “família”.

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

